



DANGER
NO SMOKING
SWITCH OFF ENGINE
BEFORE OPENING
FUEL TANK

FEVEREIRO 2021

CARTA MENSAL





Vivendo no Éden

Pense em um paraíso em que todo mês tudo fique mais barato para você. Imagine que aquele carro dos sonhos abaixe de preço no final de cada mês; pense que aquela viagem romântica no leste europeu fique cada dia mais barata e que aquele apartamento com vista para a praia seja cada vez mais fácil de comprar. Fantasie seus boletos constantemente menores sem com que você tenha perda de salário. Enfim, o Éden.

E qual seria o melhor investimento nesse paraíso: ações, CDBs, debêntures, títulos públicos ou operações estruturadas de má fama? Nenhum deles. O melhor investimento seria deixar o dinheiro embaixo do seu colchão. Afinal, como tudo fica mais barato o tempo todo, o seu dinheiro ganha poder de compra sem precisar se preocupar com nada, muito menos em correr riscos.

Impossível alguém não querer viver esse sonho. O problema é quando todos desfrutam desses benefícios ao mesmo tempo. Um excelente exemplo do referido Éden foi a Grande Depressão de 1929. A bolsa de valores dos Estados Unidos estava de vento e popa. Entre 1928 e 1929, as ações estadunidenses dobraram de valor sem ao menos ter uma alta no lucro das empresas. Já que a confiança estava alta, os bancos faziam empréstimos aceitando ações como garantia. Como tudo estava subindo e parecia fácil ganhar dinheiro, parte desses empréstimos tinham como objetivo investir novamente na própria bolsa. Era uma bola de neve se formando; uma bolha prestes a estourar.

E estourou. O *Federal Reserve System* (FED), vulgo Banco Central dos Estados Unidos, entendendo essa situação irracional, resolveu aumentar a taxa de juros para dificultar os empréstimos e diminuir a circulação de dinheiro na economia. A atitude também tornou os títulos do governo mais atrativos, já que agora rendem mais. A consequência disso não foi apenas uma fuga dos investidores do mercado acionário, mas também uma dificuldade de conseguir crédito no banco, resultando em uma baixa na produção generalizada do país. A renda da população, assim, diminuiu. E o pior, como as ações em constante queda estavam como garantia dos empréstimos, houve um calote histórico aos bancos.



Com a produção industrial do país despencando, chegando a uma queda de 54%, o início do desemprego é iminente. Sendo assim, para conseguir vender algo para pessoas de menor renda, é preciso abaixar os preços. E eles caíam o tempo todo a partir de 1929. Quanto mais os preços caem, menos gente compra, já que sabem que vão conseguir adquirir o bem ainda mais barato se esperarem mais um tempo. Como ninguém está comprando, os preços caem mais, e menos gente compra, e os preços caem mais, e menos gente compra.... Pelo visto, morderam alguma maçã no Éden.

Esse sonho, que agora é pesadelo, é denominado deflação. São raros os casos de diminuição de preços contínua no Brasil (afinal de contas, somos conhecidos pela nossa hiperinflação, antônimo da deflação). O caso mais marcante aconteceu no governo de Getúlio Vargas, em 1930. Na época, como reflexo da Grande Depressão, o Brasil teve que queimar milhões de sacas de café para que forçasse uma escassez do produto e os preços aumentassem novamente.

Com a crise do coronavírus, vemos algo semelhante acontecendo em território nacional. Com as medidas de isolamento necessárias e a queda na renda do brasileiro, acontece uma queda generalizada dos preços, chegando a -0,51% em abril de 2020 e caracterizando a menor variação mensal do índice de preços IPCA desde agosto de 1998. A intervenção do governo foi necessária para dar um novo gás à nossa economia, abaixando a taxa básica e juros ao menor nível histórico e provendo o auxílio emergencial.

Resumo do Mês

Responsáveis técnicos: Thiago Raymon, CNPI; Victor Gaioso, CFP® Augusto Mergulhão, CFP®;
Sidney Brito, CNPI-T.